

Glauco Ortolano

Nació en Americana, Brasil, en 1959. Es profesor de literatura brasileira en la Universidad de Brigham Young, en Utah. Es miembro de la Asociación Iberoamericana de Escritores desde 1996.

Es poeta, narrador y traductor. Fue co-fundador de la Asociación de traductores e intérpretes de Utah en 1993. Sus cuentos y poemas han sido publicados en varios periódicos literarios de los Estados Unidos. Publicó una colección de cuentos titulado *Sonhalidade* en 1996 y está preparando en la actualidad un poemario titulado *Divinosou*; una edición trilingüe (portugués, español e inglés).



NO LIMIAR DO NOVO IMPÉRIO

Estava eu recentemente em viagem de São Paulo a Nova Iorque quando encontrei-me na companhia de uma das pessoas mais intrigantes que já conheci em toda a minha vida. Chamava-se Armando Ponte Firme e dizia-se descendente direto dos outros dois Pontes, o Stanislaw e o Serafim. Era magro, alto, de olhar circunspecto mas cordial, tez bem morena, olhos azuis e rasgados de oriental-alemão, nariz maluflo e cabeça severina. Nossa conversa passou rapidamente àquelas águas mais profundas que normalmente não atingimos em conversas de avião. Falamos de assuntos vários e pude logo notar que meu interlocutor não era dessas pessoas comuns que encontramos no diário. Quando indaguei-lhe sobre sua ocupação, ele olhou-me como se estivesse avaliando minha capacidade de compreensão e, uma vez resolvido, respondeu de maneira bastante assertiva:

"No momento estou trabalhando no projeto de construção de um novo império."

Ele percebera meu olhar curioso de quem não o julgou maníaco, e sim de quem desejava obter uma resposta um pouco mais elaborada, e sem exitação passou a explicar sua mais nova criação. Em seguida, deu-me uma cópia do seu manifesto que escrevera em resposta aos últimos acontecimentos internacionais. Li com muito interesse às idéias daquele homem curioso que me levaram a divagar por um universo tão intrigante como o da própria persona. Apresento-lhes agora, trechos desse manifesto, o qual eu li e reli durante toda a viagem.

A QUEM POSSA INTERESSAR:

Depois da chegada maliciosa da estrela do norte trazendo caixas e mais caixas de papéis contendo o que eu deduzi ser o prenúncio do final de uma era, dei-me por conta que chegara a hora de inventar alguma coisa nova - alguma coisa que me mantivesse ocupado por uns duzentos ou trezentos anos. O mundo atual, com sua globalização sólida, em teoria, mas efêmera na prática, não podia existir sem um império que o dividisse entre aliados e inimigos. Se por um lado, os dominós tombavam desesperadamente depois do tiro certo levado pelo urso em fraldas capitalistas, do outro, o próprio abuso constitucional deflagrava uma guerra moral que deveria dar por fim um império criado com base em princípios míticos puritanos. Se a história nos ensina que o mundo sempre precisou de um império que servisse de alicerce, e os dois atuais caíam vertiginosamente, alguém então teria de tomar a responsabilidade e criar um terceiro que pudesse se aproveitar do momento de crise mundial para passar a existir. Se é que devíamos manter o poder no próprio hemisfério, então Neruda, Paz, Borges e McLuhan haviam passado sem terem realizado tal façanha. Por certo que essa criação seria homérica, no sentido literal e figurativo da palavra, ou quem sabe, até mesmo camoniana, dada a sua experiência com essas coisas de criação de império. Esse empreendimento, por suposto, exigiria o talento de um Virgílio, de um Marx ou de um Friedman. O x da questão era exatamente saber onde encontrar tal talento nesta nossa era de cultura cibernética. Na inteligência artificial? Nos bruxos da internet? Não pude consentir que tal infâmia se tornasse realidade. Atrevi-me.

Tenho que confessar que não sabia por onde começar. Jamais havia inventado um império antes e essas coisas certamente são laboriosas. Lembrei-me do Andrade, não o patriarca, nem o gauche, nem o do herói sem caráter, mas daquele da máxima do Hamlet tupi. Reinventei sua idéia e resolvi retornar àquele glorioso dia chuvoso de abril de quinhentos anos atrás. Segundo contou o escrivão da época, toda a tripulação ficou estonteada com a beleza do que viram. A terra por cima era toda chã, dizia ele, e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta era tudo praia redonda e muito formosa e as mulheres, ah... as mulheres... eu nem te conto, eram tão inocentes que a inocência de Adão não seria maior. Andavam nuas, sem cobertura alguma. Não faziam o menor caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas. Numa ocasião, contou ele, ali andavam três ou quatro moças, muito novas e muito gentis (mas muito gentis mesmo) e uma delas era toda tingida, de baixo a cima, e certamente era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha!) tão graciosa que a muitas mulheres provocaria vergonha, por não terem as suas como a dela. Foi desse relato que os lusíadas deram-se por conta de que haviam redescoberto o paraíso muito aquém da Taprobana.

Dado o estado paradisíaco que o lugar fora encontrado, deduzo que aquelas terras estavam já então prometidas para alguma missão de grande importância no futuro. Tendo a terra já sido criada com tal formosura e já habitada por gente tão especial, cabia-me apenas a criação dos heróis mitológicos. Afinal de contas, não pode haver império sem heróis. Essa terra, entretanto, sempre fora fértil de heróis desde o seu início ocidental. Não foi necessário criá-los todos, apenas reinventá-los. Os primeiros desbravadores, ao mesmo tempo em que aventuravam-se por entre as matas em busca de pedras preciosas, aumentavam a população e os limites das fronteiras nacionais de forma a torná-las de dimensões continentais. Dessas entradas e saídas, entradas e saídas, entradas e saídas em matas virgens foi-se criando uma raça miscigenada que se tornaria símbolo não só do novo mundo mas de todo o futuro império que já se formava. Sua história não fica devendo nada à história de qualquer outro império prístino ou atual pois fora sempre pulverizada de frases célebres que ecoaram de geração em geração até os dias de hoje. "Libertas Quae Sera Tamem" virou lema de inconfidentes arranca-dentes descontentes, os quais iniciaram o processo de libertação das garras do antigo e vil império. As estórias do alferes martirizado, enforcado, decapitado, esquartejado e exibido em praça pública não são senão uma forte indicação de que essa nação já havia sido pré-destinada a tornar-se um império mitológico. O mito

dos homens fortes e inteligentes criados pela mão divina e integrados na missão comum de libertar a pátria e entrar para os anais de nossa história, não foi uma invenção que se perpetuou através dos séculos por mero acaso. O mito é, antes de mais nada, a essência de toda forma criativa durável e divina. Os grandes mitos soltam frases eloquentes como o célebre grito de "Independência ou Morte" que não fica nada a dever a um "give me liberty or give me death". Clichê por clichê, o primeiro talvez leve a vantagem por ter tido por mito, um imperador inspirado, e por ter tido o momento eternalizado à óleo e exibido até hoje numa tela monumental. Mitos, mitos, mitos, precisamos de outros mitos. Resolvi, a princípio, criar um herói de caráter sem máculas que tivesse cortado a bananeira favorita do pai e lhe confessado o crime. Mais tarde, porém, mudei de idéia porque além de ser plágio de um outro mito, seria puritano demais para os nossos livros de histórias macunaímas. Resolvi criar o mito do herói que deglutinara o inimigo depois de ser descoberto osculando a cunhã do mesmo e que acabava por confessar o pequeno relapso de prática pré-cristã ao próprio jesuíta que o catequizara e salvara sua alma. Logicamente o seu nome será dado a alguma rodovia ou ponte importante para immortalizar sua nobreza de caráter. Com certeza, esse mito será um verdadeiro símbolo da honestidade e integridade tupiniquim além de ser imensamente mais verossímil. Mitos, mitos e mais mitos. Ao continuar a busca por outros mitos nos anais de nossa história, resolvi que não poderia me olvidar do patriarca do nosso exército que, depois da Argentina e do Uruguai terem batido em retirada, enfrentou sozinho o grande poderio militar guarani aniquilando noventa por cento dos nossos futuros sócios de Itaipú. Como poderia eu me esquecer desse grande herói mitológico que com sua bravura e determinação mostrou ao mundo como éramos completamente fiéis ao sistema capitalista ao nos colocarmos endividados para sempre junto aos bancos imperialistas? Mitos, mitos, mitos, e mais mitos, Somos uma nação faminta de mitos. Mitos, mitos, mitos. Por fim, reescreverei os últimos capítulos da Segunda Guerra Mundial, ocasião em que os valentes integrantes da nossa Força Expedicionária, depois de um insistente e desesperado apelo por parte dos aliados, declararam guerra contra o Eixo, e exterminaram de vez as forças do mal. Como gesto de profunda gratidão por parte dos nossos irmãos do norte, demos a Volta Redonda por cima que nos deu a oportunidade de desenvolver a nossa própria indústria automobilística. Vivam os heróis do nosso império! O Petróleo é Nosso! Ame-o ou Deixe-o! Salve a Seleção!

Mitos, mitos e mais mitos, faltam-me agora os mitos dos grandes feitos. Mas esta nação não carece tampouco de grandes talentos. Reflitam comigo: não fosse o impulso dado à aviação pelo 14 Bis, teria o homem chegado à Lua? Não fosse por aquela vacina desenvolvida por um dos nossos grandes cientistas, teria a humanidade sobrevivido até os dias de hoje? Estaria eu aqui a inventar um novo império? Provavelmente não. Os mitos populares desse império deram ao mundo o atleta do século, fruto de nossa política escravagista, semi-cristã e semi-ocidental. Mitos, mitos, e mais mitos. O mito da teoria da dependência econômica faletto-cardosiana nos deu, na realidade, a independência dos independentes e a dependência dos que passaram a depender de nós. Está tudo azul no mercosul do cone sul. Mas continuemos com os mitos. Obviamente não posso deixar de falar ainda dos mitos da nossa literatura e arte, tão grandiosas quanto a própria dimensão do território nacional que se envereda pelo seu grande sertão afora; tão franca e sem rodeios como se tivesse sido escrita por um autor defunto; tão colorida como a aquarela amada do pelourinho; tão humana e plural quanto as Marias que foram três; tão antropofágica que precisou deglutir a sua própria gente para preservar seus atributos superiores; tão rica em inovações que tornou-se concreta para imortalizar-se; tão sonora que de sonetos fez-se música (e das melhores); tão ardente como a paixão do Filho do homem; tão esotérica quanto as alquimias de um mago que transforma adubo em ouro, aliás, em muito ouro. Mas oh, não se esqueçam da música da música, da música, que parafraseando o poeta, me bole por dentro e me faz suplicar, me brota à flor-da-pele e me faz confessar o que não tem mais jeito de dissimular que chegou o momento de declarar: Eis o início de uma nova era! É chegada a hora e a vez do planalto central da Terra de Vera Cruz. E viva Nostradamus!

E depois de ter criado a terra, o macho e a fêmea, e todos esses mitos, Deus achou que era bom e em perfeita harmonia com seu plano, e quis que eu criasse agora, no limiar de sétimo milênio, o maior de todos os mitos, ou o mito do novo império. Ordenou-me que reinventasse o mito da estátua de seu filho e a recolocasse no topo do Corcovado que grita pelo nosso destino a se cumprir. Já houve em outro império o mito da liberdade, agora criava-se o mito da caridade. Esse império terá por obrigação multiplicar os pães para os nossos vizinhos de além-mar. Aquela enorme barriga geográfica, que nasce no nordeste e termina no sudeste, é o ventre de uma nação prestes a dar à luz a um homem criado para liderar o mundo pós-moderno. Dela sairá seu líder

seguido por seus cavaleiros que hão de acabar com a fome do mundo. Senhoras e senhores, sejam bem-vindos ao novo império! Sejam bem-vindos ao império do sétimo milênio!

Ao descer em Nova Iorque, cumprimentei o meu novo amigo pelo seu exuberante trabalho de mitologia. Prometi-lhe que o leria novamente e que depois lhe escreveria dando o meu parecer. Ele me abraçou fraternalmente e, como se adivinhasse que eu havia emigrado do país durante a ditadura militar, pediu-me que regressasse e despediu-se com as seguintes palavras:

"Meu caro, apenas criei um mito, mas cabe a você agora comandar os cavaleiros do novo império", e partiu de maneira tão intrigante quanto falara. No entanto, suas palavras me perseguem até hoje, e por toda a parte eu as ouço:

Mitos, mitos, mitos, precisamos de mais mitos, mitos, mitos...